

Imigrantes vindos do Brasil dão força à luta LGBTQIAP+ em Portugal

INCLUSÃO Coletivos e personalidades propõe quebra de tabus e dão voz às mais diferentes identidades de gênero. Desafio é naturalizar as pautas identitárias no país. “O debate está muito mais atrasado aqui”, entende o artista e militante da causa Leandro Buenno.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

“Morram”. Este foi um dos primeiros comentários que ouviram os brasileiros Leandro Buenno e seu marido Rodrigo Malafaia enquanto caminhavam de mãos dadas logo quando chegaram para morar em Portugal, país no qual residem há cerca de um ano e meio. “Foi o nosso cartão de visitas aqui. Tínhamos literalmente acabado de chegar e deixar as coisas no apartamento, demos cinco passos na rua e uma senhora falou isso. Achei uma loucura, até porque é uma coisa que já não estava mais acostumado em São Paulo”, relata Leandro em entrevista ao DN Brasil.

Após 18 anos vivendo na capital paulista, Leandro e Rodrigo, motivados a viverem na Europa, escolheram Setúbal como destino em 2023. O brasileiro conta que as diferenças entre pertencer à comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binárias) em Portugal, em comparação à uma cidade como São Paulo é notável. “O preconceito que sinto em Portugal é mais parecido com o que já senti muitos anos atrás em cidades do interior do Brasil. Sinto que o discurso também, mesmo em meios mais politizados, ainda é atrasado, existe uma certa desconstrução que no Brasil ocorreu há mais de 10 anos e que aqui ainda parece que está chegando

muito lentamente”, entende Leandro. Cantor e compositor que se tornou conhecido após participação no The Voice Brasil, onde alcançou o top 8 do programa, Leandro utilizou do seu nome público e do crescimento de seu reconhecimento – conta atualmente com quase 300 mil seguidores no Instagram – para levantar bandeiras e discutir pautas focadas na comunidade LGBTQIAP+. Num dia, em uma transmissão ao vivo na rede, falou que era soropositivo: a declaração fez Leandro ser ainda mais respeitado por membros da comunidade. “Falei aquilo numa conversa simples e meu perfil simplesmente explodiu. Falar sobre a minha HIV trouxe uma pauta muito social pro debate e as pessoas se identificaram. Tem pouca gente que fala sobre isso”, pontua.

“Existe uma certa desconstrução que no Brasil ocorreu há mais de dez anos e que aqui ainda parece que está chegando muito lentamente”, entende o cantor Leandro Buenno.

Em Portugal, o imigrante passou a ter um papel ainda importante ao falar abertamente sobre a sua sexualidade e o HIV. Ele inclusive fez parcerias com o GAT Portugal, centro comunitário que surgiu para dar apoio e proporcionar rastreios gratuitos para “homens que fazem sexo com homens, pessoas que usam drogas, pessoas envolvidas em sexo comercial, migrantes, pessoas trans, não-binárias ou em situação de sem-abrigo”, com vídeos em suas redes que indicavam como funcionava o serviço, direcionados aos imigrantes brasileiros que o seguiam, mas não só.

Para Leandro, esse diálogo fidedigno com a comunidade LGBTQIAP+, que julga ser muito marginalizada na sociedade portuguesa, é algo fundamental. “Acho que falta muita gente ativa, vozes, até mesmo neste setor digital em Portugal. Vejo muitos portugueses agradecendo o trabalho que faço nas redes, dá para ver que tem uma lacuna nesse sentido. Mais uma vez, algo que no Brasil já estamos acostumados e aqui ainda têm dificuldade para engatar. Os brasileiros nesse sentido podem ajudar e vem ajudando muito”, afirma ao fazer comparação com o país natal, que tem uma letra a mais na sigla. O “N”, de não-binárias.

A complexidade de um país como o Brasil, no entanto, faz com que Portugal seja uma escolha mais segura para parte das



“Pride” em Lisboa. No Porto, marcha surgiu para homenagear imigrante brasileira.

pessoas da comunidade LGBTQIAP+. É controverso: se por um lado o Brasil tem uma discussão mais avançada e libertária em espaços acadêmicos, como em atividades e bandeiras de luta de diretório centrais de estudantes de diferentes faculdades, bairros e baladas específicas, os quais Leandro chama de “bolhas”, a violência contra as minorias também se faz presente. “O principal motivo da minha mudança para cá foi por segurança. Sou um homem gay e tive dois sérios episódios de homofobia no Brasil”, conta Alexandre Petarli, que morava no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro.

Nos últimos anos, dados indicam que os números de violência seguem crescendo ao redor do país. De acordo com relatório recente divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), ONG mais antiga da causa na América Latina, em 2024 o número de mortes de pessoas LGBTQIAPN+ aumentou em 13,2%. Foram 291 pessoas da comunidade mortas no ano passado, 34 a mais do que em 2023, quando o país registrou 257 casos. Pessoas travestis e transgêneras foram as mais visadas: 96



Rodrigo Malafaia (esq) e Leandro Buenno em Setúbal, cidade onde moram há um ano e meio.

foram mortas. Em Portugal, os números evidentemente são incomparáveis pelo fato do Brasil ter uma dimensão continental e ser um dos países mais violentos do mundo. No entanto, foi justamente a partir de um episódio de